



OFÍCIO EXERCIDO POR RAIZEIROS E RAIZEIRAS: UM OLHAR A PARTIR DO CAMPO TRABALHO-EDUCAÇÃO

GT 16 – TRABALHO E EDUCAÇÃO

Trabalho completo

Karla Rodrigues MOTA (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

k.rodriguesmota@gmail.com

Edson CAETANO (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

caetanoedson@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho objetivo apresentar a pertinência das categorias culturas do trabalho, saberes tradicionais e cuidado para a compreensão do trabalho exercido por raizeiros e raizeiras nas comunidades tradicionais e povos originários. Trata-se de um estudo bibliográfico, do tipo qualitativo fundamentado no método materialista histórico. Concluímos que, na perspectiva dialética, as categorias de análise, ao contrário de fragmentar a realidade, funcionam como intérpretes do real, permitindo um olhar mais acurado do pesquisador para o “objeto” de estudo.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Cuidado.

1 Introdução

O presente texto centra-se no campo trabalho-educação e na temática geral dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais. Utiliza o Materialismo Histórico como método e tem como objetivo apresentar a pertinência das categorias culturas do trabalho, saberes tradicionais e cuidado para a compreensão do trabalho exercido por raizeiros e raizeiras¹ nas comunidades tradicionais e povos originários.

As reflexões fazem parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação iniciada em 2022, inserida no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE-UFMT) e que tem como “objeto” de estudo os ofícios tradicionais de cuidado com plantas medicinais exercidos por moradores e moradoras da Comunidade Quilombola do Chumbo, localizada em Poconé-MT.

¹ De acordo com Trevisan e Caetano (2023, p. 321), raizeiros e raizeiras “são portadores de saberes acerca dos usos e manipulações de plantas, ervas, raízes e cascas, e indicam a utilização delas como remédios associados a propriedades terapêuticas e à religiosidade”.



Na perspectiva do Materialismo Histórico, “as categorias são conceitos básicos que pretendem refletir os aspectos reais e essenciais do real, suas conexões e relações” (Cury, 1986, p. 21) e, ao contrário de “engessar” a análise, funcionam como lentes que orientam a forma como cada pesquisador e pesquisadora observa, investiga e compreende a realidade concreta investigada, formulando, então, um concreto pensado. A partir desse entendimento, nas próximas linhas serão apresentados os conceitos que dão a carga teórica às categorias que sustentam a tese em desenvolvimento.

2 Culturas do trabalho

Partimos do pressuposto de que homens e mulheres precisam, constantemente, agir sobre a natureza para sobreviver, uma ação não lhes são natural, necessitando ser aprendida. Compreendendo que, na perspectiva materialista histórica, o movimento de agir e modificar intencionalmente a natureza foi e é o próprio trabalho², podemos afirmar, pois, que o trabalho tem dimensão ontológica, se configurando como o elemento que diferencia os seres humanos dos outros animais: “o que o homem é, é-o pelo trabalho” (Saviani, 2007, p. 154).

Para além da compreensão comum da categoria trabalho que a restringe a uma atividade produtiva de bens e serviços, Palenzuela (1995) defende que sua centralidade está na capacidade de, nos processos de trabalho e nas relações de produção, serem desenvolvidas ideologias do trabalho e cosmovisões, as quais modulam de forma significativa as práticas de determinado grupo social, produzindo culturas do trabalho, definidas pelo autor como o “conjunto de conocimientos teórico-prácticos, comportamientos, percepciones, actitudes y valores que los individuos adquieren y construyen a partir de su inserción em los procesos de trabajo y/o de la interiorización de la ideología sobre el trabajo” (p. 13).

Nesse sentido, quando ofícios se manifestam de forma prolongada em uma determinada localidade, as culturas do trabalho produzidas se relacionarão com o lugar que as acolhe, convertendo-se como um marcador de identidade local (Palenzuela, 1995). Logo, a tradição e a capacidade de executar determinado ofício imiscuem-se à existência dos e das trabalhadoras locais, tornando-se, pois, um elemento identitário.

² “Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho” (Saviani, 2007, p. 154).

Extrapolando a dimensão da técnica, habilidade e capacidade de desempenhar o ofício em si, a categoria culturas do trabalho permite compreender as sociabilidades tradicionalmente gestadas e presentes nas comunidades tradicionais e povos originários bem como a relação de seus moradores e moradoras com o território, as quais apresentam “marcas seculares de um trabalho que resiste e que se recria no tempo e no espaço” (Ramalho, 2012 p. 17).

Comemorando 129 anos de existência em 24 de agosto de 2024, a Comunidade do Chumbo tem sua origem centrada nos *muxiruns*, forma associada de produzir a vida que marca as comunidades rurais da Baixada Cuiabana. Segundo Caetano, Mota e Del Bel (2023, p. 12), no Chumbo, “a produção coletiva era realizada por meio da associação entre os e as agricultoras, sendo o modo predominante de plantio e colheita. Nesta organização do trabalho, a terra era de uso comum, o trabalho autogerido e os produtos do trabalho compartilhados de forma justa entre todas as unidades familiares.

De acordo com os estudos de Caetano e Neves (2014), a produção associada fundamenta-se na solidariedade e na propriedade coletiva da terra e dos meios de produção, cuja definição pode ser expressa como um trabalho manifesto “[...] de forma autogestionária, sem valorizar o lucro e a exploração da força de trabalho alheia, apoderando-se dos meios de produção e pautando-se na solidariedade, que extrapola o âmbito material” (p. 604), produzindo, pois, uma cultura do trabalho específica.

A partir da década de 1980, a Comunidade do Chumbo passou a sofrer variadas investidas do capital, tanto pelo avanço do agronegócio (principalmente pela introdução de uma usina sucroalcooleira) quanto da atividade mineradora, as quais deixaram marcas profundas na comunidade (assalariamento, loteamento, venda de terras, contaminação por agrotóxicos etc.). Este movimento fez dissolver (tornar menos expressivo) o *muxirum* como forma basilar da produção de produtos/mercadorias, contudo o seu lastro no campo dos costumes e das tradições ainda se faz presente e operante, assegurando certa coesão entre as e os comunitários, a identidade quilombola e a conformação enquanto uma comunidade tradicional.

A partir desse entendimento conseguimos explicar, por exemplo, o fato de a Comunidade Quilombola do Chumbo preservar ainda hoje os laços de solidariedade, comensalidade e ajuda mútua, expressos, por exemplo, na Grande Festa em Louvor a Nossa Senhora Aparecida, nas atividades coletivas desenvolvidas pela AQUILUMBO³, na produção e compartilhamento de

³ Associação Quilombola do Chumbo.

remédios caseiros pelos raizeiros e raizeiras e no desvelo e cuidado entre os moradores e moradoras com seus pares.

Portanto, a categoria culturas do trabalho permite entender a resistência e manutenção de normas de conduta, laços de fraternidade, sentimento de zelo e na manutenção, em algum grau, de uma ideologia do trabalho distinta da capitalista, a qual permite “forjar a identidade específica dos trabalhadores” bem como “as maneiras de uso do território” (Ramalho, 2012, p. 11). E é essa identidade e essa consciência engendradas a partir de contradições que move e impele os moradores e moradoras a se organizarem contra o avanço das monoculturas na região, resistirem no território, preservarem sua cultura, seus valores, seus saberes e ofícios tradicionais.

3 Saberes tradicionais

Antes de apresentar os conceitos que dão corpo à categoria dos saberes tradicionais, se faz necessário diferenciar o que entendemos por saber e conhecimento, visto que

se todo conhecimento é uma forma de saber, nem todo saber pode ser considerado como conhecimento de natureza científica. Portanto, para além do conhecimento científico existem saberes que se inscrevem em outros critérios de inteligibilidade do real, não necessariamente estabelecidos pela ciência moderna (Albuquerque; Sousa, 2016, p. 232-233).

Para a compreensão desta categoria, sustentamos teoricamente em Cunha (2007) que diferencia as formas de apreensão da realidade mobilizadas pelos saberes tradicionais e pelo conhecimento científico. O primeiro opera por meio de unidades perceptuais, ou seja, por meio das “assim chamadas qualidades segundas, coisas como cheiros, cores, sabores...” (p. 79). Ao passo que o conhecimento científico opera com unidades conceituais (tal como estamos fazendo nesse pequeno texto), ou seja, na palavra escrita.

Os saberes tradicionais incluem em “seus processos de investigação” (Cunha, 2007, p. 78) a tolerância de diversas e, às vezes, divergentes formas de interpretar a realidade, as quais fundamentarão a posterior ação diante de um fato ou situação. Trata-se de uma perspectiva que se aproxima muito mais de uma noção de totalidade do que de fragmentação da realidade, tal qual faz tradicionalmente a especialização dentro das academias.

São esses saberes tradicionais que fundamentam os ofícios da medicina tradicional, tais como de raizeiros e raizeiras e/ou benzedores e benzedadeiras⁴ os quais são aprendidos nos espaços ordinários e “no desenvolver de seu trabalho, naquilo de que chamamos de ver, sentir, escutar, avaliar, estudar, observar, executar e de refazer” (Ramalho, 2017, p. 19).

Isto posto, a categoria de saberes tradicionais nos possibilita aproximar da lógica do pensamento tradicional, o qual não opera unicamente pelos conceitos e pela primazia da razão sobre as demais potencialidades humanas. Ao afinar nosso olhar analítico pela categoria dos saberes tradicionais, temos a potencialidade para tentar responder, pelo prisma do nosso campo empírico e do Materialismo Histórico, os questionamentos levantados por Medaets (2020) ao se deparar com os processos educativos não escolares existentes no Baixo Tapajós, a saber: “que saberes de fato [...] [são] valorizados, transmitidos e aprendidos fora das escolas, no cotidiano dessas comunidades? E como [...] [acontecem] esses processos de transmissão e aprendizagem? Que mecanismos [...] [garantem] a circulação de saberes e habilidades?” (p. 18).

Os conceitos apresentados para a categoria saberes tradicionais permite inferir que a lógica da produção de saberes está, em alguma medida, para além do conhecimento científico, visto que se utilizam de “outros critérios de inteligibilidade” (Albuquerque; Sousa, 2016, p. 233), os quais não se restringem à dimensão puramente conceitual e abstrata, mas incluem também os sentimentos e sentidos humanos.

Ao trazer essa reflexão para o nosso campo empírico, buscamos entender como é a lógica dos saberes tradicionais e da educação não escolar que asseguram a produção e reprodução dos ofícios tradicionais exercidos por raizeiros, raizeiras, benzedores e benzedadeiras existentes no Chumbo.

4 Cuidado

O Dicionário da Educação Profissional em Saúde conceitua o cuidado como “um ‘modo de fazer na vida cotidiana’ que se caracteriza pela ‘atenção’, ‘responsabilidade’, ‘zelo’ e ‘desvelo’ ‘com pessoas e coisas’ em lugares e tempos distintos de sua realização” (Pinheiro,

⁴ De acordo com Oliveira (1985), as benzedadeiras e benzedores são sujeitos que possuem “uma maneira muito peculiar de curar [que] combina o os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular” (p. 25).

2008, p. 110, grifos da autora). Logo, o ato de cuidar pressupõe uma relação em que “o outro é o lugar do cuidado” (*idem, ibidem*, p. 111).

Boff (1999, p. 92) afirma que “fundamentalmente há dois modos básicos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado”. Nessa perspectiva, assim como o trabalho, “o cuidado é algo fundamental para a vida e *acontece nas relações e interações humanas*. [...]. É, em alguma medida, *um ato de conservação da própria vida* que envolve muitas práticas” (Nespoli et al, 2021a, p. 39, grifos nossos).

Extrapolando o âmbito das técnicas, ofícios e saberes, o cuidado apresenta dimensão ontológica e diz respeito, pois, à própria existência humana enquanto tal. Logo, ao elencarmos essa categoria para a análise dos ofícios tradicionais exercidos por raizeiros e raizeiras,

[...] não se trata de pensar e falar *sobre* o cuidado como objeto independente de nós. Mas de pensar e falar *a partir* do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não *temos* cuidado. *Somos* cuidado. Isso significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos (Boff, 1999, p. 89, grifos do autor).

Quando anunciamos o cuidado como categoria de apreensão do real, o fazemos por acreditarmos que o cuidado é “pano de fundo”, ou seja, o elemento que atravessa e dá corpo às relações sociais, aos ofícios tradicionais, às formas de organização do trabalho e, conseqüentemente, às culturas do trabalho nas comunidades tradicionais e povos originários.

Nesse sentido, “o cuidado não se opõe ao trabalho mas lhe confere uma tonalidade diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito” (Boff, 1999, p. 95). Assim, destacarmos o cuidado, buscamos apresentar o ser humano numa relação mais horizontalizada com os seus pares e com a natureza.

O regate do cuidado, entendido como “‘desvelo’ ‘com pessoas e coisas’” (Pinheiro, 2008, p. 110), aponta para o afinamento entre humano-humano e humano-natureza. Acreditamos, também, ser esse cuidado de homens e mulheres para com a natureza que os permitem produzir “outros critérios de inteligibilidade” (Albuquerque; Sousa, 2016, p. 233), compreender e sistematizar as informações que a natureza, o sagrado e as variadas formas humanas e não humanas ecoam produzindo assim saberes diversos.

8 Considerações finais

Ao longo desse pequeno texto buscamos, pelo prisma do Materialismo Histórico, apresentar as categorias culturais do trabalho, saberes tradicionais e cuidado na “função de intérpretes do real” (Cury, 1986, p. 21). Todavia, nos opomos a ideia de fragmentação, como se cada uma dessas categoria, associadas a várias outras, por si só e de forma independente pudessem explicar o concreto e a partir dele produzir um concreto pensando. Tratar-se-ia de uma postura equivocada na qual o real é observado de forma compartimentada “isolando o que é dialético” (p. 24), o que não é nosso intento.

Ao categorizar buscamos, no plano ideal, analisar as partes e “captar a coisa em si” (p. Cury, 1986, p. 23). Contudo, por partirmos de uma visão dialética, o anúncio e a explicitação de uma categoria (seja qual for) acaba por implicar ou incorporar, em alguma medida, a explicação das demais, evidenciando, pois, a mediação⁵ entre as várias dimensões do real. Logo, as categorias culturais do trabalho, saberes tradicionais e cuidado, da forma como tentamos apresentar, indicam a indissociabilidade e reciprocidade entre ambas na compreensão dos saberes e dos ofícios exercidos por raizeiros e raizeiras na Comunidade do Chumbo.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; SOUSA, Márcio Barradas. Saberes Culturais. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). **Uwakürü**: dicionário analítico. Rio Branco: Nepan Editora, 2016, p. 231-251.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar Ética do humano - compaixão pela terra. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAETANO, Edson; MOTA, Karla Rodrigues; DEL BEL, Haya. Por terra, trabalho e educação: sobre a existência e resistência na Comunidade Quilombola do Chumbo, Poconé-MT. **Revista Trabalho Necessário**, v. 21, n. 46, p. 01-25, 11 dez. 2023. Disponível em <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/59111>. Acesso 29 ago. 2024.

CAETANO, Edson; NEVES, Camila Emanuella Pereira. Entre cheias e vazantes: trabalho, saberes e resistência em comunidades tradicionais da baixada cuiabana. **Revista de Educação Pública**, v. 23, n. 53/2, p. 595-613, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1756>. Acesso 29 ago. 2024.

⁵ De acordo com Cury (1986), “o conceito de mediação indica que nada é isolado. [...] Por outro lado, implica uma conexão dialética de tudo o que existe” (p. 43).



CUNHA, Manuela Carneiro. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saberes científicos. **Revista USP**, n. 75, p. 76-84, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623>. Acesso 05 fev. 2022.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 2.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

MEDAETS, Chantal. **“Tu garante?”**: aprendizagem às margens do Tapajós. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.

NESPOLI, Grasielle; et al (Org.). **Educação popular e plantas medicinais na atenção básica à saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2021a.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. O que é benzeção. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PALENZUELA, Pablo. Las culturas del trabajo: una aproximación antropológica. **Sociología del trabajo**. 1995, n. 24, p. 3-28.

PINHEIRO, Roseni. Cuidado em Saúde. In: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França (Org.). **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008, p. 110-114.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. **Revista de Ciências Sociais**, v. 43, n. 1, jan/jun 2012, p. 8-27. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/417>. Acesso 17 set. 2022.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007, p. 152-180. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso 06 mai. 2024.

TREVISAN, Daniele; CAETANO, Edson. Tecnologias digitais nas práticas de cuidado e cura do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos, do Quilombo de Mata Cavallo, Mato Grosso. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 21, n. 3, p. 316–333, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/65245>. Acesso em: 29 ago. 2024.